

## **Barthesiano ou barthesiano?**

*Francisco Bosco*

*O que significa dizer que alguém é kantiano, nietzschiano, deleuziano etc.?*

É conhecida a anedota segundo a qual Lacan teria dito a uma platéia: "Vocês podem ser lacanianos, mas, de minha parte, sou freudiano". O que significa, no plano das transmissões textuais, essa terminação "-ano"? O que é exatamente um kantiano, um barthesiano, um deleuziano?

A declaração de Lacan impõe que se pergunte: em que sentido Lacan é freudiano? Certamente num sentido que se aproxima do conceito proposto por Harold Bloom em sua tentativa de teorizar sobre a influência: o conceito de *misreading*. Trata-se, grosso modo, de uma prática que consiste em quebrar as cristalizações de leitura que vão se formando em torno de determinado pensamento e propor uma leitura nova, diferente, original (uma tal atividade revela-se um dos modos pelos quais se realiza a paradoxal influência sobre os precursores de que falava Borges). Assim Lacan lê Freud: removendo os sedimentos, apropriando-se do pensamento de Freud para compor um pensamento também ele vigoroso, forte. Segundo o conceito de *misreading*, toda obra original nasce de um tal movimento de desleitura.

Lacan parece querer chamar a atenção para um perigo: o de esquecerem-se de que ele mesmo não reproduz o discurso de outrem, que seu texto é antes fruto de uma atividade intensa de desleitura do texto freudiano, e que conseqüentemente, se quiserem de fato tornarem-se lacanianos, no mesmo sentido em que ele se diz freudiano, devem fazer com seu texto (não se trata de exigir a mesma intensidade, mas o mesmo movimento) o que ele fez com o texto de Freud.

O perigo, portanto, é aquele da reprodução estéril do discurso do outro; pior, reprodução que facilmente se converte em autoritarismo (quando alguém se arvora detentor da verdade sobre o discurso do outro). Essa forma, a da reprodução e repetição, é uma das formas possíveis de se conjugar como leitor a terminação "-ano". Barthes alertava para a "estupidez" em que consistia uma tal prática: "Vejam-se os sistemas fortes (Marxismo, Psicanálise): num primeiro tempo, têm uma função (eficaz) de contra-Estupidez: passar por eles é desestupidificar-se; aqueles que recusam completamente um ou outro (os que dizem não, por capricho, cegueira, teimosia ao Marxismo e à Psicanálise) têm, nesse recanto da recusa que está neles, uma espécie de estupidez, de opacidade triste. Mas, num segundo tempo, esses sistemas tornam-se estúpidos. Assim que a coisa agarra, há estupidez".

A repetição esvazia o potencial proliferador de um significante, converte-o em significado pleno, fixo, congelado, em suma, em estupidez.

Pode-se realizar desse modo, pretensioso e estéril, a terminação "-ano". Pode-se também ser um "especialista", isto é, alguém que domina os conceitos de um autor, conhece os contextos de emergência de sua obra, sistematiza, propõe relações, comenta, desenvolve em certa medida seu texto, restitui a ele algo - pouco ou muito, a depender do caso - de sua capacidade de instauração original etc. Em ambos os casos, a transmissão textual se dá no plano dos significados. Para entendermos isso melhor, devo introduzir uma outra possibilidade de transmissão que, precisamente, acontece em outro plano.

### **Incorporação do autor**

Essa outra possibilidade consiste, não na reprodução do discurso, tampouco na exposição sistemática de conceitos, mas na assimilação de um certo infratextual do autor admirado: suas inflexões, seu tom, certos movimentos de escrita, sua maneira de olhar o mundo, em suma, seu corpo.

Essa como que incorporação do corpo do outro é contudo atravessada pela diferença: quando se assimila um corpo, e não conceitos e significados, pensa-se a partir desse corpo, sob sua perspectiva, mas os destinos do pensamento efetivam-se sob a égide da diferença, na medida

em que se dirigem a outros temas, visam a outros objetos, tendem, finalmente, a criar um novo corpo, para cuja criação o corpo do autor assimilado revela-se fundamental: esse corpo incorporado opera como libertador, abre horizontes, engendra percepções, e, junto a possíveis outros corpos assimilados, proporcionará, por combinatória, o surgimento de um corpo novo, uma nova escrita.

Quando a transmissão se dá nesse plano do significante, do corpo, entra em ação o que podemos chamar de um indireto: Barthes, por exemplo, é menos gideano quando escreve sobre Gide (e não o fez muitas vezes, apenas nos primórdios de sua atividade de escritor), do que quando escreve sobre o que quer que seja: em todo escrito, indiretamente, o corpo de Gide se apresenta, devidamente assimilado; flagra-se-o, por exemplo, aí: na delicadeza, na clareza, no escrever "clássico".

Derrida dizia que Barthes se apropria dos conceitos de outros "avec souplesse". Sem dúvida, essa flexibilidade, essa operação apropriativa que compromete o rigor, não com a fidelidade expositiva, mas com a invenção de uma escrita outra, é uma marca do texto barthesiano. Com efeito, conjugar a terminação "-ano" é, em Barthes, apropriar-se do outro, aproveitar o que no outro pode melhor servir ao próprio trabalho. Assim, Barthes é brechtiano, não tanto por escrever amiúde sobre o dramaturgo alemão, mas por ter assimilado dele certa inflexão geral: a escrita (a arte) como projeto desmistificador, a capacidade de conciliação do estético e do político, a apropriação criativa do marxismo, o "abalo" sutil no lugar da destruição do sentido. Da mesma forma, Barthes lê e se apropria de Jakobson, de Kristeva, de Sollers, de Lacan.

Em todos esses casos a transmissão nunca se dá ao modo do especialista ou do comentador; é sempre radicalmente apropriativa e, nos casos mais intensos, ocorre a assimilação de que falei, no plano do significante, da assimilação do corpo.

O que me vem

Entre esses casos, o mais nítido é sua relação com Proust. Aqui pode-se falar de uma verdadeira amizade, uma convivência permanente com o texto do outro, que lhe adentra a própria vida: "Compreendo que a obra de Proust é, ao menos para mim, a obra de referência, a mathesis geral, a mandala de toda a cosmogonia literária - como eram as cartas de Madame de Sevigné para a avó do narrador, os romances de cavalaria para Dom Quixote etc.; isso não quer dizer absolutamente que eu seja um 'especialista' em Proust: Proust é o que me vem, não o que chamo; não é uma 'autoridade', simplesmente uma lembrança circular".

Essa frase especialmente - "Proust é o que me vem, não o que chamo" - define com precisão o que é uma transmissão textual da ordem da amizade. Barthes é proustiano porque pensa com Proust todo o tempo; mantém com relação a Proust a experiência de seu freqüente e involuntário comparecimento. Assim, por exemplo, no pequeno texto "Au Palace, ce soir...", onde a paisagem da boîte parisiense o lembra "algo que eu havia lido em Proust"; ou em "Soirées de Paris", quando, entrando na rua Aboukir, pensa em Charlus, "que fala dela"; ou ainda, neste mesmo "diário", quando a dificuldade de chamar um garçom evoca nele uma "cena proustiana: toque de campainha dos chefes na cozinha".

Nas salas de aula da pós-graduação, alguns anos atrás, enquanto ainda cursava as disciplinas do doutorado em teoria literária, eu costumava me irritar quando diziam que eu era barthesiano (antes, no mestrado, diziam que eu era blanchotiano). Pois só conseguia vislumbrar nessa expressão os modos da mera reprodução - chata e autoritária - ou os do comentador, do exegeta ou do especialista. Nada tenho contra esses últimos, mas nunca foi o meu caso.

Não sou especialista em ninguém nem em coisa alguma (nem em "assuntos gerais", como se pode dizer maldosamente). Tenho alguns autores prediletos, que amo e que já li bastante. Mas o que está em jogo para mim nunca é o que conheço deles, da verdade deles, mas o que, por meio deles, posso fazer com meu próprio trabalho, minha própria verdade.

Nesse sentido, sou barthesiano com grande orgulho. Penso com ele, todo o tempo. Dentro dos meus olhos há os dele. Barthes é o que me vem, não o que chamo. É com o que olho - não o que vejo.

Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br>>. Acesso em 12 mar. 2008

A utilização deste artigo é exclusivo para fins educacionais.